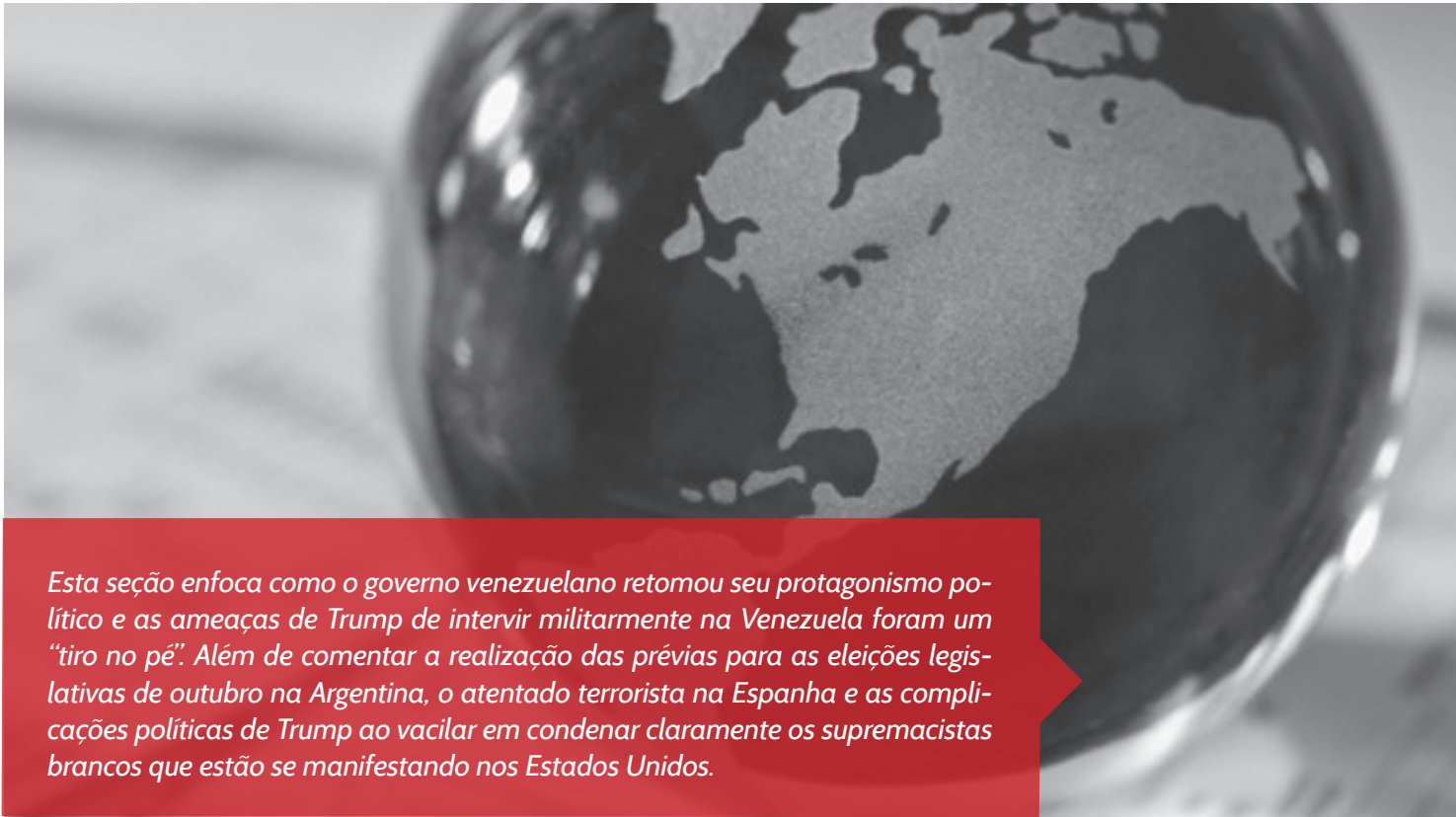


INTERNACIONAL



Esta seção enfoca como o governo venezuelano retomou seu protagonismo político e as ameaças de Trump de intervir militarmente na Venezuela foram um “tiro no pé”. Além de comentar a realização das prévias para as eleições legislativas de outubro na Argentina, o atentado terrorista na Espanha e as complicações políticas de Trump ao vacilar em condenar claramente os supremacistas brancos que estão se manifestando nos Estados Unidos.

Governo venezuelano retoma ofensiva política

Além da posse da Assembleia Nacional Constituinte (ANC) no dia 4 de agosto, a convocação das eleições para governadores e prefeitos para se realizarem no mês de outubro próximo levou a maioria dos partidos de oposição a abandonar as manifestações de rua e a se dedicar à inscrição de candidatos, além de iniciar a campanha eleitoral.

A declaração do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre a hipótese de uma intervenção militar estadunidense na Venezuela caso o presidente Maduro insistisse na eleição da ANC também deu fôlego a ele e ao seu Partido Socialista Unificado da Venezuela (PSUV) para defender a soberania do país e denunciar a oposição, onde setores de extrema direita, como o “Voluntad Popular” de Leopoldo López, buscam explicitamente a intervenção externa. Trump deu sua infeliz declaração após reunir-se com a esposa de López, Lillian Tintori.

Em resumo, teremos uma disputa de argumentos de campanha entre a defesa da soberania e as críticas aos problemas econômicos que assolam a Venezuela.

Prévias argentinas para as eleições legislativas

No dia 13 de agosto, ocorreram na Argentina as Eleições Primárias Abertas Obrigatórias (PASO), um processo preliminar realizado simultaneamente por todos os partidos políticos para definir suas candidaturas às eleições legislativas a ocorrerem em 22 de outubro próximo. Na eleição, estará em jogo a renovação de 127 das 257 cadeiras na Câmara de Deputados e de 24 dos 72 cargos no Senado.

Para os candidatos participarem em outubro, seus partidos ou coalizões necessitam alcançar um mínimo de 1,5% dos votos na província por onde disputam ou nacionalmente, quando se trata das eleições presidenciais, o que transforma o PASO numa espécie de cláusula de barreira, além de apontar antecipadamente os partidos e candidatos com maiores chances de vitória. Os deputados são eleitos por meio de listas dos partidos, e as candidaturas ao Senado são individuais. Nas oito províncias onde haverá disputa para o Senado, três senadores serão eleitos, dois pelo partido do candidato mais votado e um pela minoria que chegue em segundo ou terceiro lugar.

Tanto nas primárias quanto na eleição de outubro,

a disputa na província de Buenos Aires é a que chama mais atenção, pois mais de um terço do eleitorado, cerca de doze milhões de pessoas, votam ali. Trinta e cinco deputados serão eleitos e é também por onde a ex-presidenta Christina Kirchner de Fernandez apresentou sua candidatura ao Senado pela coalizão Unidad Ciudadana, e, na PASO, ela empatou com o candidato Esteban Bullrich do Cambiemos, com cerca de 30% dos votos cada um. O Cambiemos é a coalizão apoiada pelo presidente Mauricio Macri. Além dela, há dois outros candidatos de setores do peronismo na província, Sergio Massa e Florencio Randazzo.

Em resumo, essas primárias demonstraram que a direita está unificada para a disputa e com muita chance de ampliar seu espaço na Câmara de Deputados, podendo inclusive alcançar a maioria, e poderá também avançar no Senado, graças à divisão dos peronistas. Contudo, uma eleição de Christina aumenta muito a possibilidade de seu retorno à presidência em 2019. Por isso a disputa será muito acirrada, conforme a primária já demonstrou, quando o governo manobrou para que a apuração na província de Buenos Aires começasse nas áreas onde o Cambiemos tinha mais força, o que levou Bullrich a estar com mais votos do que Christina até a madrugada do dia 14, para animar os seus apoiadores e pautar a imprensa, além de neutralizar a festa dos apoiadores dela.

Atentado em Barcelona

No dia 17 de agosto, houve atentados nas cidades de Barcelona e Cambrils, que provocaram no mínimo quinze mortes e mais de uma centena de feridos. O método foi o de atropelamento de pedestres numa área de Barcelona muito movimentada por turistas, conhecida como La Rambla. O ataque foi reivindicado pelo “Estado Islâmico” (EI), embora ainda não esteja claro quantas pessoas estiveram envolvidas na organização do evento e quem foram. No caso de Cambrils há notícias desencontradas, algumas afirmando que a polícia conseguiu impedir o atentado matando quatro terroristas e outras dizendo que uma mulher teria morrido no ataque.

O fato é que é muito difícil prevenir este tipo de ata-

que, dos quais já houve vários em diferentes países europeus com a utilização de veículos cujo acesso está disponível a qualquer pessoa. O PT emitiu uma nota condenando veemente a violência e o terror como instrumentos de luta política, mas também chamou a atenção para a responsabilidade dos países imperialistas pela morte de pessoas inocentes devido à sua ingerência e violências cometidas no Afeganistão, Oriente Médio e Norte da África.

O fascismo nos EUA complica a vida de Trump

No dia 11 de agosto, aconteceu em Charlottesville, nos Estados Unidos, a marcha “Unir a Direita”, que reuniu pessoas da ultra-direita que agora se autodenominam “Alt-right” (Direita Alternativa), embora sejam os mesmos grupos fascistas de sempre. Ocorreu um embate com ativistas anti-fascistas e com a polícia. O governador da Virgínia declarou estado de emergência.

A saída desses ideais racistas e xenófobos do “armário” tem um motivo claro: a chegada de Donald Trump à presidência, apoiado por estes grupos. A marcha contou com a exibição de seus símbolos, como as bandeiras que carregavam, vermelhas com a suástica nazista em preto, saudações com o braço estendido e tochas e capuzes brancos que remetiam ao Ku Klux Klan (KKK).

No dia seguinte, houve uma contraofensiva de uma manifestação anti-fascista e, infelizmente, um jovem que se identificava com a ultra-direita avançou com o carro sobre os manifestantes matando uma mulher e ferindo dezenove pessoas. Foi a materialização do sentimento de ódio que os neonazistas empregaram no dia anterior em palavras, cartazes e bandeiras.

Somente dois dias depois do ocorrido, no sábado, Trump se manifestou dizendo que os “supremacistas são repugnantes”, mas no dia seguinte condenou os dois lados e tentou responsabilizar os anti-fascistas pelos distúrbios que ocorreram.

Porém, esta atitude está lhe causando problemas com outros setores entre seus apoiadores da elite do país, como os republicanos mais moderados, a exemplo do senador e ex-candidato a presidente

em 2008, John McCain. Executivos da Merck, Under Armour e Intel se retiraram de conselhos consultivos de empresários ligados à presidência em protesto contra a postura de Trump de não “honrar os valores fundamentais e condenar claramente as expressões de ódio, intolerância e supremacia de um grupo que vai contra o ideal americano de que todas as pessoas nascem iguais”.

Estes e outros empresários integravam pelo menos três destes fóruns consultivos, pois lhes interessava influenciar o governo estadunidense em assuntos como impostos e políticas industriais. No entanto, ao questionarem a posição de Trump de “quase” apoio aos supremacistas, devem ter avaliado que

manter suas ligações com o presidente poderia não ser bom para seus negócios. E, quando Kenneth Frazier, da Merck, anunciou que se retiraria do Conselho Industrial, outros ficaram constrangidos de permanecer e adotaram medida semelhante.

A resposta de Trump foi dissolver o Conselho Industrial, o Fórum de Estratégia e Política Pública, bem como o Conselho de Infraestrutura e dizer que “Frazier agora terá mais tempo para reduzir os preços dos remédios da Merck”. Mas, aparentemente para relativizar as críticas empresariais, Trump teria demitido Steve Bannon, um expoente desta “direita alternativa” e um de seus principais mentores desde a campanha eleitoral.



acesse
o canal **teve FPA** 

ENTREVISTAS - EVENTOS - TRANSMISSÕES AO VIVO